

*Não Corto Carne, Eu Corto e
Retalho Bicho*

*I Do Not Cut Flesh, I Cut and
Shred All Evil*

Carlos Augusto **RIBEIRO**

Investigador Auxiliar do
Instituto de Estudos de
Literatura Tradicional (IELT)
da Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas (FCSH),
Universidade Nova de Lisboa,
Lisboa, Portugal.

bartleby.said@gmail.com

Artigo recebido em 14/3/2013
Artigo aprovado em 17/5/2013

Resumo

O texto aborda um conjunto de receitas de medicina popular portuguesa relativo à Dermatologia. Consideram-se as seguintes questões: para onde é expulso o mal? Qual a natureza desse lugar por relação ao espaço humano? Qual o lugar da escrita nesta *performance* terapêutica? Qual a razão para que a escrita contra o mal deva ser efectuada ao revés, em espelho? A doença e o mal são formas de escrita?

Palavras-chave: escrita, medicina popular, *performance*.

Abstract

This paper addresses a set of recipes on Portuguese folk medicine related to Dermatology. The following questions are considered: Where is expelled the evil? What is the nature of that place in relation to the human space? What is the role of writing in this *performance* therapy? Why is the writing against evil performed in reverse, as in the mirror? Illness and evil, are they forms of writing?

Keywords: writing, folk medicine, performance.

Um conjunto de receitas de medicina popular proveniente de Portugal dos séculos XIX e XX – apenas respeitante a uma única especialidade médica: a Dermatologia – constitui uma parte significativa da totalidade de receitas que consta da obra *Artes de Cura e Espanta-Males* – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti¹ (ALMEIDA *et al*, 2009, p. 65-164). A análise desenvolvida neste texto incide sobre o referido conjunto; e, no interior deste conjunto, especialmente sobre as receitas mais informativas, nas quais se destacam a complexidade intrínseca e os aspectos performativos do ritual mágico-terapêutico. Procurou-se salientar alguns aspectos mais recorrentes, dado que existem, para cada enfermidade ou para cada defeito, diversas variantes de mezinhas e aplicações (por vezes, até contraditórias entre si) e fórmulas (acompanhadas, em geral, de outras informações referentes ao contexto, ao modo de proceder e de orar, à quantidade de repetições ou ao período de tempo em que os mesmos procedimentos devem ser retomados).

Sendo a pele, o maior órgão sensorial com a faculdade de perceber a dor, o calor e o frio, ela é, na medicina popular, o lugar em que se manifesta o que é benéfico e, também, o que é maléfico. A partir da leitura das ditas receitas, a pele evidencia-se na sua feição de ecrã (ou folha de papel). Uma dupla escrita se manifesta *sob* e *sobre* ela – para além da escrita da doença, uma escrita invertida, uma espécie de contraescrita miraculosa nos seus efeitos

1 | ALMEIDA, Ana *et al* (ed). *Artes de Cura e Espanta-Males* – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti. Doravante, usaremos uma abreviatura do título da obra: *ACEM*. Nas notas de rodapé constarão, sucessivamente, as seguintes informações: a abreviatura do título da obra, o número referente a cada receita dentro de parênteses recto e o número de página a que se reporta a referência.

curativos, a cargo da benzedeira, curandeira ou bruxa. Precisamente, uma escrita que desfaz o mal, à medida que é executada às avessas. As fórmulas analisadas se referem, explicitamente, às metáforas de escrita, pintura e desenho acerca do processo terapêutico. A eficácia na geração de efeitos transformadores é o propósito deste tipo particular de *performance* (ritual conduzido por certos mediadores e participantes, sob certas condições e circunstâncias, dependentes inteiramente dele). Assumimos o sentido lato de *performance* citado (embora não partilhado inteiramente) por Richard Schechner em *Performance Theory*: quer a proposição «performing [as] a mode of behavior» de Erwin Goffmann, quer a acepção de John Cage, quando este designa a importância determinante do modo de olhar e de enquadrar uma dada situação, para que qualquer actividade possa em qualquer momento ser vista como uma *performance* (SCHECHNER, 2003, p. 22). O filme documental é dado como exemplo dessa transformação do comportamento quotidiano.

Entendido como *performance*, o processo de cura é um evento social que procede a uma integração das mais diversas dimensões de uma ecologia integral da sociedade: a geografia, o calendário, a interacção social e a propensão humana para transformar a natureza em cultura. O conjunto de mezinhas, a culinária (química ou farmácia) mágica (através da qual se preparam as coisas mágicas e se lhes confere a forma ritual), ensalmos e benzeduras são a expressão de uma estreita relação entre o homem e o ambiente natural, entre a comunidade humana e o espaço geográfico.

Para o povo, as doenças, tanto as internas quanto as externas, são com frequência tidas por entidades que vêm habitar o corpo. O mal (doença) está associado à ideia de uma entidade invasora, a qual, estando fora do seu lugar, vem, por essa razão, perturbar uma determinada ordem – nomeadamente, a linha de demarcação entre o espaço interior (humanizado) e o espaço exterior (inóspito). O mal possui diversas formas (o povo distingue, por exemplo, três formas de erisipela: erisipelas secas, úmidas e rosas), espécies (ou graus de erisipela: a “zipla” e o “ziplão”) e géneros (macho ou/e fêmea, a exigir, por conseguinte, talhador de género correspondente).

Os procedimentos de cura são desencadeados para operar uma mudança efectiva: a reposição de uma ordem (a saúde) no corpo do doente. A eficácia da cura depende de uma correcta escolha dos meios específicos (substâncias, ervas medicinais, instrumentos, gestos, actos, palavras e lugares) bem como do cumprimento de certas prescrições, interdições alimentares, condições relativas ao tempo e ao espaço, ao género do talhador, etc. – nomeadamente: jejum, nascer do sol, pôr do sol, a meia-noite, o nome de quem talha (Maria), a necessidade de ser “mulher de virtude”, a sugestão (considerada como medicação importante na terapêutica) e os locais consagrados. Sobretudo, a eficácia do ritual terapêutico deriva da expressa submissão do mediador a um poder originário transcendente (santos, apóstolos, Virgem Maria, Jesus Cristo ou às pessoas da Santíssima Trindade), a partir do qual se dá a transmissão da força curativa e o controle dos procedimentos mais ajustados com vista à

reposição da saúde perdida. Depois do operador da cura (benzedeira, talhadora, feiticeira, etc.) se assumir como mediador (mão executante), este identifica e, muitas vezes, interpela e invectiva o mal localizado no corpo do doente. Tendo-se declarado no início do processo de cura como mero intermediário de forças maiores do que ele próprio, quem cura (agente-mediador) fá-lo, durante o processo terapêutico, interpellando também com frequência o doente. O doente é arrancado à inacção passiva tal como qualquer indivíduo na função de ajudante do mediador: efectivamente, ambos são interpellados no sentido de prestarem a sua colaboração, se não numa sequência de perguntas e respostas², certamente pelo menos, nas orações finais (pai-nosso, ave-maria, salve-rainha) em louvor dos santificados intervenientes, nomeados durante a benzedura.

2 | *ACEM*, [23], p. 67.

O mal é desfeito, expulso e esconjurado, com o auxílio (e em louvor) de entidades sobrenaturais invocadas no decurso do ritual, para a periferia das comunidades humanas (onde não viva alma) ou para as regiões limítrofes dos espaços habitados (onde não canta galo nem galinha). Mas também, o mal pode ser, deliberada ou aleatoriamente, transferido para um vizinho (conterrâneo), para um pobre ou para um animal.

O processo terapêutico simboliza e actualiza uma mudança de estado definitiva: de uma situação de doença em direcção a uma situação de saúde (resultado final) e, ainda, associada a essa troca, provoca a mudança do lugar do mal invasor. Por intermédio desse processo, assistido por entidades transcendentais, opera-se a transformação do valor da relação entre o mal invasor e o hóspede (doente). A fórmula recitada pelo mediador para a cura de um mal específico cita a recorrente geografia sagrada de um mítico encontro entre Jesus Cristo e os apóstolos (Pedro, Paulo), ocorrido a meio caminho na ida ou vinda de Roma, e ao qual está associada a origem mítica da receita. A vitória passada sobre o mal invasor é celebrada pela fórmula proferida em que são anunciados o modo e a origem da cura. Ao ser proferida, a fórmula permite que os participantes (doente e mediador) no processo terapêutico não somente façam acontecer o previsto, mas mostrem a si próprios e aos outros (pelo menos, diante da audiência divina) o que eles estão em vias de operar. O processo de cura (*performance* e ritual religioso) celebra e faz acontecer a cura. O momento terapêutico é um ponto intermédio entre um momento mítico e o momento de cura definitiva. Tomando esse passado mítico como um modelo a ser imitado, o processo de cura constitui-se em sua repetição ou reactualização. O que sucedeu em Roma (centro do mundo cristão, pois, como é sabido, todos os caminhos conduzem a Roma), em tempo imemorial, será retomado em outro lugar, com outros intervenientes que, na qualidade de intermediários entre o divino e o humano bem como na qualidade de herdeiros de tradições e conhecimentos empíricos oralmente transmitidos, não deixarão de rememorar e imitar a acção terapêutica passada. A libertação dos poderes no presente acontece com (e devido a) esta reprodução. A fé na eficácia do ritual (partilhada pelos participantes no processo terapêutico) garante que o êxito da cura (alcançada no passado imemorial) continue a ser fixado e confirmado pela repetição.

Podemos, por isso, entender o momento terapêutico como articulação de uma coincidência espacial e temporal.

Ritual terapêutico como performance

Foi acima dito que a eficácia da cura depende da observância de certas condições e recomendações por parte dos participantes envolvidos no processo terapêutico, tais como: a escolha de um conjunto de substâncias (por exemplo: azeite, vinagre, água benta, pólvora ou excrementos de galinha) e de instrumentos (por exemplo: faca e crucifixo), para além dos ensalmos (característicos da medicina popular) em modo de oração ou encomendação; o respeito de certas condições de tempo e de lugar (acima referidos); gestos recorrentes (por exemplo: benzer em cruz, desenhar ou pincelar o sinal da cruz ou fazer cruzeiros no ar) e sítios consagrados (centros sagrados ou espaços naturais culturalmente marcados por qualquer indício visual ou testemunho oral).

É crucial o deslocamento do corpo enfermo a determinados lugares (em campo aberto são exemplos: monte, rio ou regato), os quais se convertem em uma espécie de palco para a ocorrência de rituais terapêuticos particulares. Em inúmeros casos, parece que a realização e o resultado do processo de cura (implicando, por vezes, uma complexidade de actividades performativas, em que convergem acções especiais e quotidianas) são, em grande medida, determinados por características distintivas do ambiente natural. Por exemplo, no tratamento de uma criança com aftas, a ida a um monte, regato ou rio – por vezes, a certas horas do dia e inclusive durante alguns dias seguidos – com a criança a tratar, exige que a talhadeira aviste uma estrela e, enquanto mantém o olhar fixo na estrela para além do monte ou do rio, recite a fórmula (a rogar que a estrela tire as aftas da língua da criança). O mesmo tratamento pode exigir a ida durante a noite em direcção à primeira luz que se vê enquanto se recita análoga fórmula implorativa. Outro exemplo: o poder curativo de água da chuva acumulada em pias de penedos ou cavidades de velhas árvores. A proximidade do corpo doente ao espaço sagrado (ou a um dos seus atributos) é condição para a cura do mal. Aconselha-se então a ida à Igreja ou a lugar sacralizado (por exemplo: fonte de água originada pela passagem de Nossa Senhora).

A palavra tem um poder incalculável sob a forma de benzedura, esconjuro e oração (salve-rainha, pai-nosso, ave-maria). Dizer o nome de Jesus Cristo, colocar uma cruz sobre a cabeça do enfermo ou fazer cruzeiros são actos que curam. Sempre que o nome de Cristo é proferido, o mal desaparece por completo e de imediato do corpo ou local em que se encontra. A palavra de Cristo é detentora de um poder de ressurreição e, por esse motivo, é evocada na cura de diversas enfermidades. Jesus Cristo é o verdadeiro mestre, invocado para guiar e conferir eficácia a actos, gestos e palavras de quem talha o mal.

Se as palavras adequadas podem expulsar o mal do corpo do paciente, há que se considerar o perigo proveniente de certas palavras proferidas. Em caso de se ter pronunciado a palavra “sapo”, deve-se cuspir três vezes fora para não vir a ter “sapinhos” (aftas) na boca.

A aversão popular por sapos estende-se ao próprio nome do animal, igualmente dotado de potencialidade poluidora.

A relação entre o homem e o animal é ambivalente: o animal que é apontado como causa da doença pode ser, por seu turno, a causa da cura. Em geral, enquanto a proximidade a certos animais pode acarretar perigos para a saúde (por exemplo: rato, mosca vareja, animal peçonhento), da vizinhança a outros (por exemplo: porco) o corpo enfermo pode retirar inúmeros benefícios. Embora a pata dos porcos seja considerada a causa para o surgimento de escrófulas (ou humores frios) naquele que nela se tiver sentado, é verdade também que a pata de porco e porca é o lugar a que o enfermo se deve dirigir (ou ser conduzido) para ficar curado de farfalho³, de sapinhos ou de brotoeja. Contra a brotoeja (urticária), a ida à pocilga dos porcos para esfregar o corpo com a palha que lhes serve de cama (repetindo três vezes: “assim como porcos e porcas dormem aqui/Assim tu maldita *vertueja* saias daqui”⁴) ou deitar-se no covil dos porcos embrulhado com saioite vermelho de pano fino (em algumas variantes: cobertor ou tecido encarnado).

Os componentes de remédios populares para diversos males estão ligados a animais, directa ou indirectamente: o sangue extraído da crista de um galo (por ser vermelha?), morto na ocasião para curar a erisipela; a cabeça de cobra, pendurada ao pescoço, tocando a pele para a cura de escrófulas; as sopas de cobra para a cura da furunculose (“frunco”, “fruncho”, furúnculo); a pele de sapo que, cortada com o tamanho de uma moeda e mergulhada em vinagre durante quinze dias, nos livra de antrazes; além de costumeiras papas de pão (trigo) com leite e papas de mostarda aconselha-se, igualmente, as papas de caracol pisado para fazer rebentar os furúnculos; a rã colocada na língua de uma criança, para ser sugada, é em seguida posta a secar, no fumeiro, para a boqueira se ir embora ou, em alternativa, untar a língua de uma criança com a pasta que fica no fundo da pata dos porcos; lesma esfregada sobre as verrugas para quem quer ver-se livre delas, a qual é posta posteriormente a secar pois que, conforme a lesma vai secando, a verruga secará também.

Para a cura de furúnculos aconselha-se a cortar a toupa com erva da toupa (na realidade, um substituto da pata dianteira esquerda da toupeira que, após ter sido arrancada com a mão esquerda, foi embrulhada em papel e guardada pelo mezinheiro) e a dizer as seguintes palavras, enquanto se fazem cruces sobre os pequenos abscessos: “[...] Toupa ou toupo vi, / Toupa matei, / Toupa matei, / E não nomeei. / Pela graça de Deus e da Virgem Maria, / Um padre-nosso ave-maria”⁵. Os pelos de testículos de um carneiro preto, fervidos em azeite com palhas, resultam em curativo de herpes para ser friccionado sobre o ponto atacado enquanto se pronunciam certas palavras; um cabelo de burro amarrado às verrugas, cura-as.

Cortar, expulsar e aniquilar

As estratégias de esconjuro, expulsão, dispersão ou aniquilação através da fragmentação da entidade maléfica, inclusive a desapareição completa ou, pelo menos, a recolocação da mesma entidade em lugar próprio, mais conveniente, dizíamos, as várias estratégias visam repor,

3 | O “farfalho” ou “sapinhos de leite” que surgem na mucosa bucal das crianças está rodeado por uma vermelhidão: “pequenas elevações de um branco opaco, oidiomícoso” (ACEM, [15], p. 66). Enquanto o farfalho é inflamação na língua, boca ou boqueira significa a inflamação nos cantos da boca (ACEM, [25], p.66).

4 | ACEM, [3], p. 71.

5 | ACEM, [3], p. 114.

nos respectivos lugares, as entidades que usurparam o território humano, o corpo do doente. As proposições como *aqui e dentro* (corpo do paciente) servem, por um lado, para localizar e interpelar a entidade causadora do mal e, por outro lado, para operar a sua expulsão (ao exortá-la a sair do corpo do paciente), arremessando-a para os confins do espaço humanizado. O mar, o monte ou suas imediações surgem como lugares de degredo e perdição para o mal expulso. Trata-se de afugentar o mal da cama, do lar e de todo o lugar.

A expulsão definitiva do mal, para o “alto pinheiral, que esteja à beira do mar” intenta obter a sua dispersão por distintos locais (fonte, monte, mar), incutindo a confusão espacial na entidade invasora. A cura da erisipela (“inzipla”) depende do envio ou expulsão do mal, sucessivamente, para o fogo, para o lodo e para o mar; ou, ainda, para o fundo do mar, convencendo o mal, a erisipela, a abandonar a morada pobre e o fraco sustento que é o corpo do doente. A benzedura contra os coxos⁶ intenta expulsar o mal do corpo do doente, mas, em simultâneo, apela a que as forças do bem venham ocupar o lugar vago.

Talha-se a brotoeja (“bretueja” ou “brotueja”), expulsando o mal do corpo do paciente para a região mais distante da comunidade humana – ao “mar coalhado” – para que assim não possa mais retornar ao corpo donde é expulso. No final da fórmula, para “deitar o bicho” é dito que se deve fazer uma cruz sobre o cuspo que se deitou na mão e bater-se nele, “mandando-o: para aqui, para ali, ou para acolá” (numa operação que parece visar à confusão espacial do mal intruso). Um gesto para criar a desorientação espacial do “bichoco” e, desse modo, assumir o domínio sobre ele. Para se talhar o “bichoco” há que proferir a fórmula adequada para impedir que ele junte os pés com a cabeça, porque isso significaria a morte do doente.

Após a benzedura (três vezes) da erisipela (“zirpla” ou “zirpela brava”) com a metade de um limão, realizada necessariamente por benzedeira com o nome de Maria, a metade usada é deitada ao lume enquanto a outra metade do limão deve ser atirada para o mar, mas de costas. A metade do limão com que a benzedeira terá passado por cima da parte do corpo afectada pela erisipela, durante a recitação da oração de cura (usando “água da fonte/extrema do monte”) é embrulhada, sem que o padecente veja, para ser depois lançada para o mar, de costas para a maré e atirada o mais longe possível.

Segundo a crença popular, há muitas formas curativas de verrugas⁷. A mão cheia de sal, utilizado para fazer desaparecer as verrugas, deve ser deitado no forno aceso de uma casa, na qual se deve entrar inesperadamente sem pedir licença (precisamente “na hora sole e religiosa em que esteja aceso o forno do pão”) e sair, de imediato, porta fora⁸. Em vez do sal, pode fazer-se o mesmo com uma peça de roupa da pessoa com verrugas, dizendo-se: “Verrugas trago/Verrugas vendo,/Aqui as deixo./Vou correndo”⁹. Ou, ainda, qualquer uma das seguintes recomendações: atirar “tantas pedras de sal quantas verrugas para o interior da casa onde reside a pessoa para quem”¹⁰ se quer transmitir as verrugas; deitar para a rua um saco contendo pedras de sal em quantidade idêntica a de verrugas, as quais infalivelmente

6 | “Cobro é, para os dicionários que tenho à mão, o mesmo que cobrelo, espécie de herpes, e que o povo julga proveniente da passagem de répteis pela roupa que se veste” (ACEM, [54], p. 125).

7 | “Às vezes recorre-se a um santo por causa da analogia da doença com o sofrimento que o santo teve em seu martírio. O princípio da analogia estende-se tão longe, que no Gerez, quando alguém tem verrugas, promete levar a S. Bento, se sarar, um ramo de cravos, porque à verruga se chama cravo na linguagem vulgar do Norte” (ACEM, [19], p. 158). E de facto, S. Bento é tido por “advogado contra as ‘nascidas ruins’, cravos e verrugas; por falsa analogia, proveniente da consonância do nome, oferecem ao Santo cravos (flôr).» (ACEM, [24], p. 159). Curiosamente, S. Bento é padroeiro da Europa.

8 | ACEM, [4], p. 157.

9 | ACEM, [7], p. 157-158.

10 | ACEM, [11], p. 158.

se transmitirão para quem apanhar o saco; lançar no lume tantas pedras de sal quantas forem as verrugas e fugir, tapando os ouvidos para se não ouvir o estalar do sal. Em alternativa, porém, à criação de um acontecimento intempestivo, pode colocar-se, em noite de S. João, pedras de sal (em número idêntico ao de verrugas) num bocado de pão, que deve ser dado a comer a um cão, à meia-noite, para que a pessoa se livre do mal. Também se pode embrulhar as pedras de sal num papel e atirá-las a um pobre que ficará com as verrugas assim que apanhar as pedras de sal.

Escrever como quem pinta a doença

Segundo a superstição popular, em virtude da configuração de uma cobra mostrar-se na pele do doente, atribui-se a causa – a causa do cobro – à picada de cobra, lagarto, lagartixa, osga ou escorpião ou, simplesmente, a algum destes répteis que tivessem estado em contacto com a roupa, durante o enxugamento ou o corar ao sol e que não tivesse sido engomada.

A presença de muitas borbulhas contínuas sobre a pele, em torno de uma zona corporal (por exemplo, a cintura), e muito unidas, assinalam que o cobro¹¹ se fechou em círculo ou anel (unindo o rabo com a cabeça). Este é um sinal de morte infalível para o paciente. O processo de cura realiza-se com uma espécie de escrita mágico-religiosa sobre o corpo do doente a qual, por ser às avessas, parece efectuar o apagamento da escrita do mal. Na cura do eczema, algumas palavras têm de ser escritas às avessas e/ou deve ser cortado o mal com as costas de uma faca. O costume de varrer-se o doente ao contrário¹² (dos pés em direcção à cabeça), com uma vassoura de palma para curar a brotoeja (ou aldregões), parece ter (além de proporcionar um eventual alívio temporário da comichão) o significado de reverter o sentido do que foi feito ou de se desfazer o sucedido.

A mistura resultante da combinação de palhas de alho queimadas, cinzas, pólvora, com pequenas porções de vinagre, mel e azeite serve para se molhar um pau com o qual se circunda o bicho dizendo-se: “Eu te escrevo cobrão,/Cabeça sim e rabo não;/Eu te escrevo cobrão,/Rabo sim e cabeça não./Depois cobre-se o bicho em toda a extensão com o mesmo remédio¹³. Com a ponta do dedo indicador molhada nas cinzas de cascas de alho misturadas em pouco azeite, a benzedeira desenha um círculo em volta do cobrão enquanto pronuncia as seguintes palavras: “– Cobrão! Cobrão! Aqui te corto a cabeça e o rabo não! Aqui seca e aqui peca e aqui te leva a breca!...”¹⁴. Traçar um contorno (um limite) é determinar o que não está lá, o que implica tomada de poder do espírito sobre o indeterminado (caos). O óleo negro obtido através da queima de trigo romano na forja (ou, em substituição, a tinta de escrever) é usado pelos ferreiros contra o cobro num processo em que a cura se associa à escrita: “Escreve-se primeiramente, e com tinta preta, uma ave-maria, às avessas, no corpo do doente, e depois é aplicado o óleo sobre a moléstia”¹⁵.

Contra as impigens, é aconselhada uma de duas soluções: “escrevê-la com tinta uma rapariga de nome Maria e que não saiba escrever; ou esfregá-la com unto embebido em

11 | Infecção na pele que se forma por via nervosa e que tem o nome de “zona” ou “herpes zoster”.

12 | Curiosamente, o tratamento alternativo da brotoeja implica, consoante o género do doente, a troca de indumentária habitual. Sendo o doente homem, este deve vestir a camisa de mulher ainda quente do corpo; sendo mulher, vestir uma camisa ainda quente de homem. (ACEM, [9, 10, 11], p. 71-72)

13 | ACEM, [17], p. 118.

14 | ACEM, [53], p. 125.

15 | ACEM, [68], p. 128.

16 | *ACEM*, [7], p. 142.

17 | *ACEM*, [28], p. 143.

18 | *ACEM*, [48], p. 123-124.

19 | *ACEM*, [52], p. 124-125.

cinza de caules de couves galegas”¹⁶. Não é um aspecto secundário para a eficácia do rito a repariga chamar-se Maria, assim como a exigência de ela não saber escrever. Cremos que esta exigência atesta o reconhecimento social de um poder mágico intrínseco à escrita (por extensão, a quem é detentor do conhecimento da mesma) e, em termos rituais, ao próprio acto de escrever (realizado diante de uma audiência maioritariamente iletrada). Uma receita contra as impingens resume as curas mais habituais: “A maneira mais conhecida e fácil de as curar é escrevê-las, isto é, pintá-las com tinta comum de escrita./Também se tratam com óleo de grãos de trigo queimado na forja./A esfregação com sumo de raiz de abrótea é indicada igualmente”¹⁷. As impingens podem ser untadas com a cinza negra que fica no fundo do cachimbo (“garro”) – talvez um substituto para a tinta preta de escrever ou o óleo de trigo romano queimado.

O cobrão deve ser inteiramente pintado com uma aplicação sobre o ensalmado, de maneira a não deixar alguma borbulha por pintar, impedindo, desta maneira, o alastramento do cobrão, enquanto é dito o seguinte ensalmo: “O Douro passei,/Cobras e cobrões cortei./O Douro tornei a passar/Cobras e cobrões tornei a cortar”. O gesto e a palavra deixam antever os resultados desejados, o fim da maleita. Uma variante da mesma receita tem uma fórmula curiosamente distinta, pronunciada enquanto a benzedeira faz cruces com uma faca sobre a parte do corpo onde se localiza o mal: “(...) Se eu o Douro passasse/Cobras e cobrões cortasse,/Mas como o Douro nunca passei/Sempre cobras e cobrões cortei./Eu o Douro passei,/Cobras e cobrões cortei./O Douro tornei a passar/Cobras e cobrões e toda a peçonha/Do bicho tornei a cortar”¹⁸.

Se a roupa branca não foi engomada, é recomendável defumá-la com alecrim ou, então, cuspir três vezes sobre as camisas lavadas e dobradas. Para se debelar essa dermatose, benzedeiros ou “mulheres de virtude” talham o bicho, desenhando cruces com uma faca ou tição aceso sobre a região afectada, ou aspergindo-a “com água da fonte e espargo do monte” e arengam este ou outro ensalmo paralelo, em três dias e a horas desencontradas:

*Eu te talho, bicho, bichão, / Aranba, aranhão, / Sapo, sapão, / Bicho de toda a nação; /
Eu te corto a cabeça, / O rabo e o coração. / Em louvor de S. Pedro, / S. Paulo e S. Sil-
vestre; / Quanto eu faço, preste, / E Nosso Senhor seja o Verdadeiro Mestre [...] Va-
riante: – Eu te corto? / – Bixo ! (responde o paciente) / – Bixo corto e recorto, / P’ra que
nun creças, / Nem abessas, / Nem dobres o rabo co’a cabeça. / Em loubor de S. João /
Se fores cobra ou cobrão, / Lagarto ou lagartão, / Aranbo ou aranhão, / Escaba-terra
ou escaba-terrão, / Salamantiga ou salamantigão / Sapo ou sapão; / Eu te ponho a mi-
nha mão / P’ra que o gume da faca, / Ó do calor do tição / Sejas cortado e retalhado /
Ó seco com’ó carvão”¹⁹.*

São traçadas cruzeiras sobre a parte molestada pelo bicho (dermatoses e herpes) com as costas de uma faca, fazendo menção de espatifar a alimária, enquanto é dito o seguinte ensalmo:

Reza contra o bicho (zona) / Eu te corto curto / Rabo, a cabeça e o corpo todo; / Para que te vás embora daqui, / Que o teu lugar não é aqui. / (Repete-se três vezes) / O que corto? / Bicho. / Bicho corto, / Mezinha faço, / Não corto carne / Corto bicho, / Bicho atalho, / Bicho retalho, / Bicho atalho, / Bicho retalho, / Bicho atalho, / Bicho retalho²⁰.

20 | *ACEM*, [42], p. 122.

21 | *ACEM*, [117], p. 135.

Na benzedura do coxo recomenda-se que, munido de navalha de meia-lua, faça-se um círculo sem retalhar a carne sobre a parte afectada, pronunciando-se, ao mesmo tempo, uma fórmula (e fazendo cruzeiras) para talhar o bicho. Benzeduras durante nove dias ou três vezes por dia durante três dias.

O bicho é talhado com uma faca de aço ou com três brasas acesas ou, ainda, com um pau a arder, desenhando-se (inclusive no ar) uma cruz sobre o mal, enquanto é dita a fórmula adequada. Contra o coxo, a bruxa (ou mezinheira) faz cruzeiras sobre o coxo e – com esta, acabo – a bruxa diz: “Jesus nome de Jesus / E a Virgem Maria (...). Em honra de Deus...”²¹.

A invocação das autoridades espirituais, anunciadas como fontes arquetípicas da cura, é a garantia de eficácia do ritual executado pelos agentes mediadores e a de apropriada orientação na totalidade das suas operações. À reciprocidade estabelecida entre um lugar e tempo míticos e o lugar do doente acrescenta-se, ainda, a reciprocidade entre a pessoa a ser curada e o local onde se processa o ritual de cura. Recorrendo a receitas e fórmulas impostas pela tradição, observando determinados preceitos, interdições e formas, a cerimónia mágica ocorre em determinado lugar qualificado e em determinado momento (ou, até que a cura se verifique, durante um dado período de tempo) em torno do corpo do doente. O ritual mágico mobiliza todo um material constituído por ervas e plantas cortadas, paus e ramos, animais, pedras, facas, óleos particulares; operações de preparação; confecção ou utilização de coisas e materiais (em virtude das suas propriedades reais ou imaginárias, mas também da sua correlação com o rito); coisas mágicas consagradas em termos religiosos (água-benta) ou encantados; substâncias com virtudes próprias (leite, azeite, mel, saliva).

É *sob e sobre* a pele que se inscreve a possibilidade de saída de um estado prejudicial e a restituição de um equilíbrio temporariamente quebrado por meio de um encadeamento infalível de consagrados gestos e sinais observados pelo operador da cura. Ao corpo que se torna alvo do ritual terapêutico são transmitidas as necessárias virtudes mágicas e protecção retidas e conservadas por certos materiais, substâncias, actos, palavras e gestos. Por via do ritual mágico (determinado por princípios de simpatia/antipatia, contiguidade,

similaridade e contraste), o corpo do paciente é transformado em palco especial de uma complexa *performance* por meio da qual acontecem e se renovam as formas de articulação íntima entre o indivíduo e a natureza, a comunidade humana e o cosmos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Gomes et al (Org.). *Artes de Cura e Espanta-Males* – Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti. Lisboa: Gradiva, 2009. p. 65-164.

SCHECHNER, Richard. *Performance Theory*. Nova Iorque: Routledge, 2003.